

Fruto estranho

fruto estranho o destas árvores
 sangue nas folhas e sobre a raiz
 corpo negro baila na brisa do sul
 fruto estranho apenso ao guapuruvu

charme sulista em cena pastoral
 boca torta e olhar abismal
 doce e leve olor de magnólia
 e um súbito cheiro de carne a queimar

eis o fruto pro corvo bicar
 pra chuva colher pro vento sugar
 pro sol decompor pra cair depois
 eis a colheita estranha e atroz

Abel Meeropol (Lewis Allan)
 [trad. Guilherme Gontijo Flores]

«O poema é um caracol onde ressoa a música do mundo e metros e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal.» Octavio Paz, *O arco e a lira*, 1955.

Aos stalinistas

Deles se ouviam os berros: “Barrabás!
 Soltem-no e festejemos o feriado.”
 São os mesmos que a Sócrates, aliás,
 Assistiram morrer envenenado.

Suas inquisidoras bocas puras
 Deveriam ser o ocaso de seus órgãos,
 Esses doces amantes de torturas,
 Especialistas na produção de órfãos.

Anna Akhmátova
 [trad. Paulo Ferraz]

Fiquem de olho nos livros novos que estão circulando por aí: **Marcelo Labes**: Paraízo-Paraguay (caiaponte), **Ana Carolina Assis**: *A primavera das pragas* (7Letras), **Carlos Orfeu**: *Nervura* (Patuá), **João Gabriel Madeira Pontes**: *Saúvas avulsas* (Garupa), **Natasha Felix**: *Use o alicate agora* (Macondo), **Djami Sezostre**: *Çeiva e Cão Raiva* (Kotter, ambos), **Daniel Franco**: *O Ganges represado* (Urutau), **Camila Assad**: *Eu não consigo parar de morrer* (Urutau), **Silvio Pedro**: *Desmanche* (Oito e Meio), **Ernst Jandel**: *Eu nunca fui ao Brasil*, sel./trad. Myriam Ávila (Relicário), **Leonardo Villa-Forte**: *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI* (Relicário, PUC-Rio), **Nuno Félix da Costa**: *Pequena voz: anotações sobre poesia* (CEPE), **Alexandre Guarnieri**: *O sal do Leviatã* (Penalux), **Adelaide Ivánova**: *Polaroides e 13 nudes* (Macondo, ambos), **Alberto Bresciani**: *Fundamentos de ventilação e apneia* (Patuá) | E tem muito mais, sempre, atentem! | A propósito, conhecem um livro chamado *Poesia (Im)popular Brasileira*? Foi organizado pelo **Júlio Mendonça** e lançado pela Lamparina Luminosa em 2012. Reúne 14 ensaios, de autores diferentes, sobre poetas que merecem destaque nas nossas estantes e conversas, incluindo Aldo Fortes, Sapateiro Silva e Stela do Patrocínio. | Já sabem do **Poetas de dois mundos**, né? É um encontro organizado pelo Leonardo Marona na Livraria da Travessa (Botafogo/RJ), que reúne a cada mês mais de meia dúzia de poetas. Na sexta (24/5) acontece a 19ª edição. Vá lá, vá! | Por falar em Rio, Davi Pessoa e Manoel Ricardo de Lima lançam em 8/6, às 11h, na livraria Blooks, um projeto novo de leituras: **conversa infinita**, que estreia com Ricardo Aleixo e Veronica Stigger, mediados pela Júlia Studart. | Já pra agenda: o primeiro número da **Meteoro**, revista de poesia da Corsário-Satã, será lançado em 5/6 na Biblioteca Mário de Andrade. É peso! | Deem as caras!

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo SP | periodicidade temperamental | tiragem improvável reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado



Notícias do campo arrasado (1 de 2)

é lícito um poema onde ecoem passos
de um único homem ou de sua sombra os passos?
é lícito o poema de uns pés descalços, limpos, sobre
um
pátio ainda mais? lícito
que água ainda não convexa de toques nem
de rostos outros espelhados que um só rosto, que essa
água
reste?
ecos, passos, sombras, pés descalços, toques?
é lícito que haja? é lícito que haja tão rara palavra:
lícito?

é lícito que haja o que haver em versos
como estes
se os tiros furam a pele de uma mãe de um pai de
um filho e de um que não nasceu e não nascerá num
canto escuro qualquer deste país que nem me digno a
saber enquanto escrevo um poema sobre escrever um
poema sobre um revólver calibre 38 que resolve anular
o tempo?

Matheus Guménin Barreto

Pormenores inúteis:
as casas sem reboco,
as bocas rebocadas.

Mocinhas sim-me-toques
(fiscalizei in absentia,
exagerei insignificâncias
vencendo crises de apatia),
de sorte que azarei.

Ficando tudo escrito,
eu já moro, de burka,
no remorso mais falso.

Josep Domènech Ponsatí

Porque é certo

Hoje posso dar, depois de tantos anos,
a partir de um fundo muito distante,
testemunho notório de meus dias mais ausentes
de quando pisei no umbral desencravado e tenebroso
da infância.
Oh sucessão vertiginosa dos aborrecimentos
tédio costumeiro no meio da tarde
na terra de meu povo
por detrás de cada jogo, com sorrisos.
Como então lutar contra os vultos
de sombras desdenhosas,
contra referências vorazes sempre vivas
entre aquele que tem e nós não temos.
E eu, perdendo assim a fé no culto de minha casa,
sentindo-me cada vez mais distante de mim mesmo,
à deriva
no decorrer surdo de uma vida não vivida,
sem saber que para minha esperança
ainda lhe faltava o golpe exato da história.

Hoje digo porque é certo
porque o levo na memória
com estas palavras, com este irreprimível afã
de reclamar: minha dimensão à parte
as datas restituídas sem mim
o solar humano que me toca.

Tino Villanueva
[trad. André Luiz Pinto]

«A contemporaneidade, na arte, é a influência dos melhores
sobre os melhores, ou seja, exatamente o contrário do mal que
acontece hoje: a influência dos piores sobre os piores. O jornal
de amanhã já está velho. Isso mostra que a maioria dos que são
acusados de não ser contemporâneo não merece a acusação,
uma vez que peca apenas por “temporalidade”, noção oposta
tanto à contemporaneidade quanto à atemporalidade. A con-
temporaneidade é onitemporaneidade. Quem de nós resultará
nosso contemporâneo? A obra, que só pode ser atestada pelo
futuro e avalizada pelo passado. O contemporâneo é sempre
uma minoria.» Marina Tsvetáeva, “O poeta e o tempo”, 1932.

E os outros

Uns encontram a Luz na literatura,
outros na pintura
já outros têm certeza
que ela só brilha no coração.

Uns encontram a Luz na bebida,
outros no sexo
já outros nunca encontram a Luz
e levam a vida no escuro.

Daí vem alguém e diz que isso
é meio sombrio.
Mas não, a Luz que a gente não vê
a gente acha que não faz falta.

David Berman
[trad. Leonardo Gandolfi]

Lei do abate

tem que ter lei.
tem que bater mesmo.
tem que parar com isso.
tem que se dar ao respeito.
tem que virar comida de peixe.
tem que levar pra casa se tem dó.
tem que defender quem é de família.
tem que insistir que no fundo ela quer.
tem que ver que com essa roupa tá pedindo.
tem que acabar com direito de vagabundo.
tem que deixar claro quem é que manda.
tem que trançar e jogar a chave fora.
tem que honrar a palavra de deus.
tem que dar o recado bem dado.
tem que enfiar a mão toda.
tem que mirar na cara.
tem que matar.

Diego Vinhas